

Rural Semanal

Informativo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

ANO XXIV - n° 12 - 28 de agosto a 3 de setembro de 2017



UFRRJ

Enfrentar a crise

Como os cortes orçamentários
afetam a Universidade

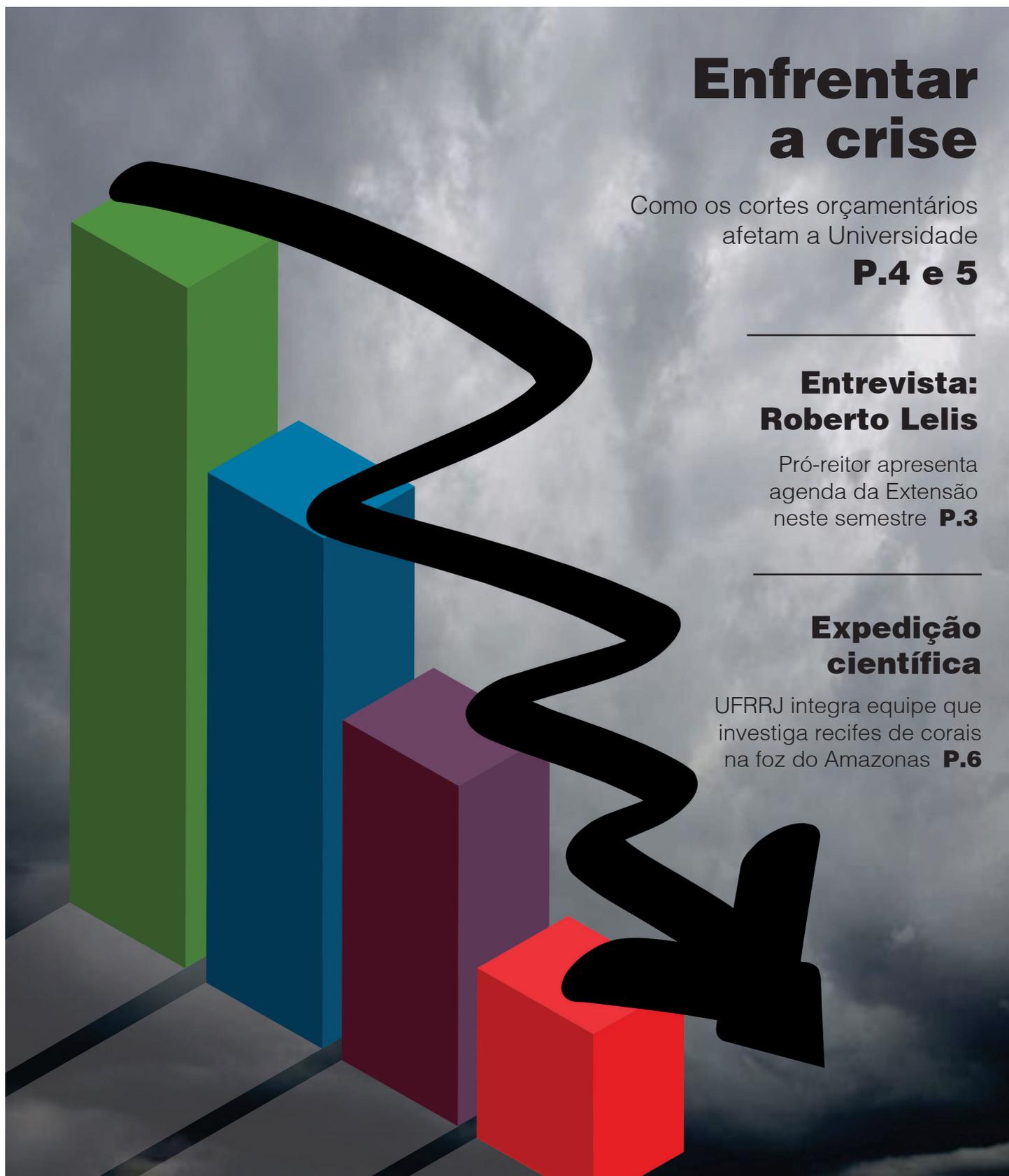
P.4 e 5

Entrevista: Roberto Lelis

Pró-reitor apresenta
agenda da Extensão
neste semestre **P.3**

Expedição científica

UFRRJ integra equipe que
investiga recifes de corais
na foz do Amazonas **P.6**



Editorial

O semestre se inicia com sombrias nuvens no horizonte. No plano político, observa-se um déficit cada vez maior na qualidade de nossa democracia. Quando o Estado bloqueia canais de interlocução, como com os diversos fóruns temáticos que levaram à construção do Plano Nacional de Educação, por exemplo, percebe-se que as decisões ficam restritas às forças hegemônicas tradicionais, ligadas ao interesse privado e não ao público. Observam-se debates, na esfera do executivo e do parlamento, que pensávamos estar superados, como a cobrança de mensalidades nas Instituições Federais de Ensino Superiores (Ifes), a introdução do modelo “escola sem partido” em algumas unidades de ensino, e da justificativa da precarização da nossa força de trabalho, servidores públicos, com bloqueio de reajustes salariais previamente pactuados com o MEC. Nessa linha, há previsão de mais cortes em nosso orçamento de 2018 em relação a 2017, o qual já sofreu uma redução de 35% quando comparado a 2016.

Estes ataques merecem ampla crítica, o que a Rural já realiza em diversos fóruns de que participa. Internamente, o conjunto dos gestores, forças organizadas no movimento estudantil e sindicatos, participamos da discussão de conjuntura e alternativas para enfrentar este contexto tão adverso.

Nenhuma universidade pública está preparada para tamanho desafio orçamentário. Algumas apresentam dívidas correntes praticamente impagáveis. Ainda não é nosso caso. Faremos o possível, ao longo dos próximos meses, para ajustar nosso orçamento, a fim de evitarmos a mesma sorte de nossas coirmãs estaduais. Infelizmente, o quadro não deve ser apresentado de outra maneira.

Confirmamos nossa meta de garantir a permanência de nossos alunos com bolsas e auxílios, ainda que por vezes com atrasos devido ao repasse irregular de recursos financeiros. Buscamos alternativas que nos levem à redução de nosso custo, ainda excessivamente elevado. Finalmente, articulamos iniciativas para alavancar parcerias estratégicas no campo da pesquisa e inovação. Junto a parlamentares alinhados com o fortalecimento da universidade pública, captamos recursos de emendas para conclusão de obras e manutenção. Enfim, atuamos em inúmeros campos buscando soluções.

Não serão meses triviais, mas a UFRRJ está se organizando para enfrentar os desafios da conjuntura.



SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2017

A MATEMÁTICA ESTÁ EM TUDO!

De 23 a 27 outubro de 2017

Acesse: <http://r1.ufrrj.br/snct/>



Apoio



Parceria



Extensão: cultura e ciência para a comunidade

Projetos culturais, esportivos e de divulgação científica estão na agenda deste semestre da Pró-Reitoria de Extensão

Alessandra de Carvalho

O pró-reitor de Extensão Roberto Lelis apresenta nesta entrevista a programação da UFRRJ para o segundo semestre de 2017. Em destaque, a 14ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT), evento que ocorre anualmente em outubro em todo país. Neste ano, a Rural retoma a organização local desta semana de popularização do conhecimento produzido nas universidades. A última edição ruralina aconteceu em 2011.

Para a realização da semana, a UFRRJ apresentou um projeto junto ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) e recebeu R\$20 mil destinados à estruturação das atividades da SNCT 2017.

Como a Rural está se planejando para a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia?

Roberto Lelis – A UFRRJ está resgatando essa ação de grande visibilidade no país. Na Rural, o evento ocorre de 23 a 27 de outubro. O tema deste ano é “A matemática está em tudo”. A Semana está sendo planejada pela Pró-Reitoria de Extensão (Proext) e Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), tendo sido formada uma comissão composta de membros dos câmpus de Seropédica, Nova Iguaçu e Três Rios. O coordenador geral da Semana é o professor José Airton Chaves Cavalcanti Junior e a coordenação técnica é formada pelos professores Cláudia Mazza Dias, Marcela Lima Santos e Ronaldo Malheiros Gregório. Ainda temos os comitês locais nos diferentes câmpus. Campos dos Goytacazes estará participando através de ação conjunta na Mostra de Extensão da Uenf/IFF/UFF que acontecerá na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf), no município de Campos.

Para o evento, planejamos a apresentação de trabalhos acadêmicos, palestras, mesas redondas, minicursos, oficinas e atividades de arte e cultura. Todas as atividades são gratuitas ao público, sem qualquer cobrança de taxa ou ingresso.

Roberto Lelis: “O significado social da universidade é visibilizado por suas ações de extensão”.



Como a comunidade universitária e público externo participam do evento?

R.L. – O evento é voltado para a divulgação e popularização da ciência, abrangendo mostras que serão realizadas por docentes, técnicos e alunos, principalmente para o público externo. O objetivo principal é promover o intercâmbio e troca de saberes entre a comunidade externa e interna. Este trabalho é importante porque se torna uma possibilidade real de divulgação científica fora dos modelos tradicionais, interagindo diretamente com a comunidade. Os projetos devem ter como público prioritário alunos da educação básica e do ensino profissionalizante; e diversos segmentos sociais interessados por ciência e tecnologia, entre eles os povos tradicionais, mulheres, moradores de periferias urbanas e população rural.

Além da SNCT, que projetos a Pró-Reitoria de Extensão tem realizado e programado para a comunidade acadêmica?

R.L. – Desde que assumimos a gestão, em março de 2017, realizamos a reestruturação de alguns setores ligados a esta Pró-reitoria como a Imprensa Universitária; gestão do Parque Aquático e Praça de Esportes; oferecimento de oficinas de artes musicais, corporais e circenses; artes visuais, manuais e agroecologia; visitas guiadas e participação em atividades do Centro de Memória; catalogação, manutenção preventiva e restauração de plantas arquitetônicas da UFRRJ pelo Laboratório de Manutenção e Restauro; realização do projeto “Rural Esportes”, com a participação alunos do CAIC Paulo Dacorso Filho; realização do Pré-Vestibular Comunitário (Pré-Enem) em Nova Iguaçu e em Seropédica. Em Nova Iguaçu, oferecemos curso para alunos da rede pública. Planejamos, em breve, lançar editais para projetos de extensão, e o desenvolvimento de sistemas de apoios das semanas acadêmicas dos cursos de graduação, além de outras ações.

A extensão é vista como a ponta mais frágil do tripé da missão universitária. O que

esperar desse momento de cortes orçamentários?

R.L. – Embora a universidade, enquanto locus da construção do conhecimento, tenha na extensão o espaço para a realização daqueles saberes de vários campos, naquilo que se tornam aplicados, ela não fazia parte da matriz de cálculo de distribuição orçamentária das universidades federais brasileiras. Entretanto, a partir do próximo ano, mediante a cada vez maior detalhamento desta matriz, a extensão será mais um de seus fatores. Ou seja, ela também contará para recebimento de recursos.

Na UFRRJ, podemos dividir a extensão em dois aspectos. Um é o registro das atividades desse setor. Outro é a própria realização de extensão, em nosso entorno e com diversos atores da sociedade civil, enquanto exercício dos saberes construídos por cursos e programas. Neste sentido, sabemos que a Rural produz muito. A força da extensão em nossa Universidade ficará mais clara com o maior registro destas atividades. Por outro lado, ao ser parte da matriz orçamentária, registrar a extensão e demonstrar sua força – já facilmente constatável em vários cursos – é essencial.

Além disso, o significado social da universidade é visibilizado por suas ações de extensão. A extensão atinge aqueles que não são atores diretamente ligados à educação superior formal ou à pesquisa acadêmica, envolvendo-os, ainda assim, em redes de conhecimento. Em tempos de crise, onde o questionamento às instituições públicas de ensino e pesquisa faz parte dos debates sobre o que deve ou não ser financiado pelo Estado, a parceria com a sociedade civil é essencial para a luta pela universidade democrática, produtora de circularidade de saberes, no contexto nacional e local. Esta, talvez, seja a maior força da extensão neste momento: fazer parte de uma luta por si e pelo outro.

Acesse o site da Semana de Ciência e Tecnologia da UFRRJ em <http://r1.ufrj.br/snct/> ■

João Henrique Oliveira



Estagnado. A redução da verba destinada a investimentos prejudica a realização de obras como a do Pavilhão de Aulas Práticas (PAP), no câmpus Seropédica

Crise e resistência

Como os cortes orçamentários do governo federal estão afetando a UFRRJ

João Henrique Oliveira

No final de março deste ano, o governo anunciou um corte de R\$ 4,3 bilhões nos recursos do Ministério da Educação (MEC). A medida fez parte do contingenciamento de R\$ 42,1 bilhões no Orçamento de 2017. Entre as justificativas do executivo para o aperto de cinto estão a redução do rombo nas contas públicas e o cumprimento da meta fiscal – isto é, a economia que o governo promete fazer para manter a dívida pública sob controle. A Educação foi a pasta com a terceira maior perda, atrás dos ministérios da Defesa e dos Transportes. O MEC realizou uma redução de 15% do repasse para o custeio (gastos como contas de luz, água, manutenção e pagamento de funcionários terceirizados) e 40% para obras nas universidades.

Nesse contexto de enxugamento, as instituições federais de ensino superior já vêm pagando um duro preço. Uma análise publicada pelo G1 em julho deste ano (ver <https://goo.gl/roZ4sc>) mostrou exemplos de universidades que tomaram medidas como demissão de professores, terceirização de funcionários e racionalização de gastos. Casos como o da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde a falta de recursos afetou as construções de prédios, além de provocar atrasos no pagamento de tarifas de água e luz. Na Universidade Federal do Piauí (UFPI) houve falta de insumos nos laboratórios da graduação. Na Universidade de Brasília (UnB), foram feitas mais de 300 demissões de funcionários da limpeza, manuten-

ção, vigilância, entre outros.

Embora a retórica da equipe econômica do presidente Michel Temer aponte para o “saneamento” do Estado e a “atração de investimentos” (tendo em vista o “desenvolvimento do país”), especialistas e representantes de entidades ligadas à educação argumentam que a precarização do setor público é uma opção. “A ausência de verbas para as universidades não é um problema financeiro do Brasil, é uma decisão política dos governos”, apontou o secretário do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes), Jacob Paiva, em entrevista ao ‘Brasil de Fato’ (<https://goo.gl/peKcrV>). “Um país com tanto dinheiro e uma economia robusta como a nossa com certeza pode manter

as universidades públicas funcionando, sem que a gente tenha que precarizar os trabalhadores. É uma visão estratégica de nação”.

Impactos na Rural

Na UFRRJ, os efeitos da crise também estão sendo fortemente sentidos. O reitor Ricardo Berbara, que iniciou sua gestão em abril (apenas um mês após o anúncio do contingenciamento), explicou o impacto dessa redução de verbas no cotidiano da Universidade: “Os cortes nos afetam de duas formas. Primeiro, impossibilitam a organização de nossas finanças, pois não sabemos quando os recursos vão chegar e o seu montante. Em segundo lugar, nos impactam pela redução do custeio e também do capital para investimento”. Berbara disse ainda que o orçamento da Rural em 2017 sofreu uma redução de 35% em relação ao ano passado. Para 2018, o quadro não é animador: serão R\$ 5,5 milhões a menos em relação a este ano.

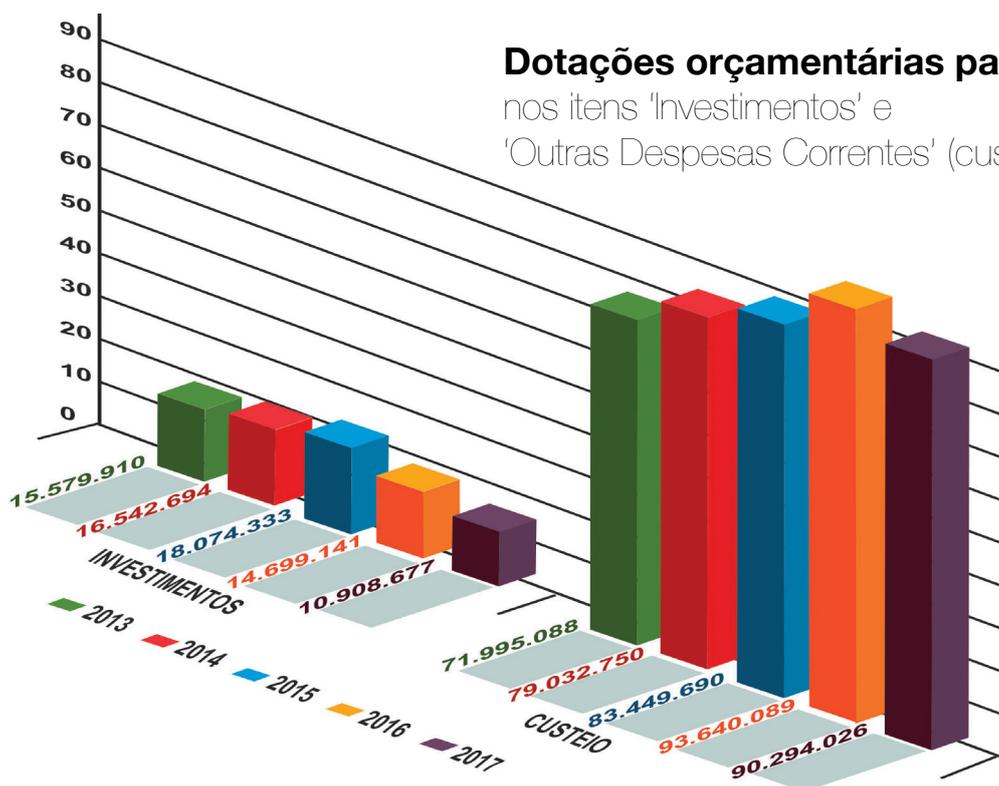
Para enfrentar o problema, o reitor indica a redução das despesas (custeio) e a captação de recursos extraorçamentários. Um dos movimentos nesse sentido é o projeto de produção de energia solar dentro da Univer-

sidade, numa usina que deve entrar em atividade no ano que vem (ver **Rural Semanal 05/2017**. <https://goo.gl/KiwKh3>). Segundo Berbara, a iniciativa vai proporcionar tanto economia (com redução na conta de luz da Universidade) quanto geração de renda a partir da venda da energia a terceiros.

O pró-reitor de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional, Roberto Rodrigues, disse que a UFRRJ tem recebido em torno de 80% da verba destinada ao custeio e 60% para investimentos em obras e equipamentos – ou seja 20% e 40% a menos, respectivamente. Ele explicou o movimento do dinheiro do governo federal até a Universidade: “No ano anterior, ocorre a aprovação da LOA [a Lei Orçamentária Anual, que estima as receitas que o governo espera arrecadar e fixa os gastos]. Depois, há a liberação dessa LOA. O problema é que governo não está dando os 100%.” Segundo Rodrigues, a Rural precisa elencar prioridades e adiar o pagamento de algumas contas. “Estamos priorizando o pagamento dos bolsistas. Depois, das empresas terceirizadas. Quanto às dívidas, vamos escalonando de acordo com data de vencimento.”

Dotações orçamentárias para a UFRRJ

nos itens 'Investimentos' e 'Outras Despesas Correntes' (custeio)



Queda. Dados indicam que neste ano houve diminuição de R\$ 3.346.063 no repasse da LOA para o custeio; quanto ao investimento, a redução foi de quase R\$ 4 milhões em relação a 2016

Fonte: Pró-Reitoria de Assuntos Financeiros (Proaf/UFRRJ), Departamento de Orçamento e Custo (DOC)

Assistência estudantil e pesquisa

Por enquanto, os cortes não afetaram tão profundamente a assistência estudantil. De acordo com o pró-reitor de Assuntos Estudantis, César Da Ros, o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) teve redução de apenas 3% em relação a 2016. Entretanto, o setor é atingido indiretamente pela recessão, como explica o pró-reitor: “Uma situação de crise aumenta a demanda por assistência. Com o aumento do índice de desemprego, muitas famílias mudam de condição socioeconômica. Assim, o estudante que antes tinha condição de pagar um aluguel pode precisar de uma vaga no alojamento, por exemplo.”

Outra consequência indireta é a questão da mão-de-obra terceirizada, utilizada em setores como os restaurantes universitários (de Seropédica e Nova Iguaçu) e alojamentos. Cortes no custeio afetam o contrato com empresas terceirizadas, o que pode refletir na prestação dos serviços de manutenção.

A liberação inconstante dos recursos por parte do governo federal também provoca problemas no pagamento de bolsas. “Os atrasos têm mais a ver com o processo financeiro do que com a gestão interna”, afirmou Da Ros. “A Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis faz seu papel, encaminhando as folhas de pagamento

nas datas certas. Havendo disponibilidade financeira, ocorre o pagamento.”

No caso da pesquisa e da pós-graduação, a Rural ainda dispõe de uma “gordura extra” para atender algumas demandas. “Os impactos não foram tão imediatos porque não houve cortes no Programa de Apoio à Pós-Graduação (Proap), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)”, disse o pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, Alexandre Fortes. “No âmbito da gestão, estamos preservando os recursos disponíveis para manter atividades acadêmicas”. Nesse sentido, algumas medidas de contenção de despesas foram tomadas, entre elas a definição de editais para apoiar a internacionalização. “A Reitoria não está empenhando mais do que o estritamente necessário em viagens internacionais. Com transparência, estamos aplicando internamente o que agências já faziam”, disse Fortes.

Já a situação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) causa apreensão. “A entidade teve contingenciamento de 44% e anunciou que não havia recursos para pagar as bolsas de setembro, com ameaça de paralisação de atividades. Isso é um absurdo”, opinou o pró-reitor.

Resistências

O desmonte da educação e do

serviço público em geral se consolidou com a promulgação, em dezembro de 2016, da Emenda Constitucional 95. Proposta pelo governo Temer e aprovada pelo Congresso – no Senado, passou como Projeto de Emenda Constitucional (PEC) 55, e na Câmara de Deputados como PEC 241 – a medida congela os gastos públicos por 20 anos. O discurso oficial considera o ajuste “fundamental para garantir o reequilíbrio das contas do país, visto que os gastos públicos vêm crescendo continuamente” (Senado Federal, <https://goo.gl/U7RxMj>).

Dados indicam, no entanto, que alguns gastos públicos não têm um peso tão grande. No Orçamento Geral da União executado em 2015 (total de R\$ 2,268 trilhões), foram destinados 4,14% à Saúde, 3,91% à Educação e 0,27% para Ciência & Tecnologia. Por outro lado, 42,43% foram usados para pagar juros e amortizações da dívida pública (‘Auditoria Cidadã da Dívida’, <https://goo.gl/jaFqMv>).

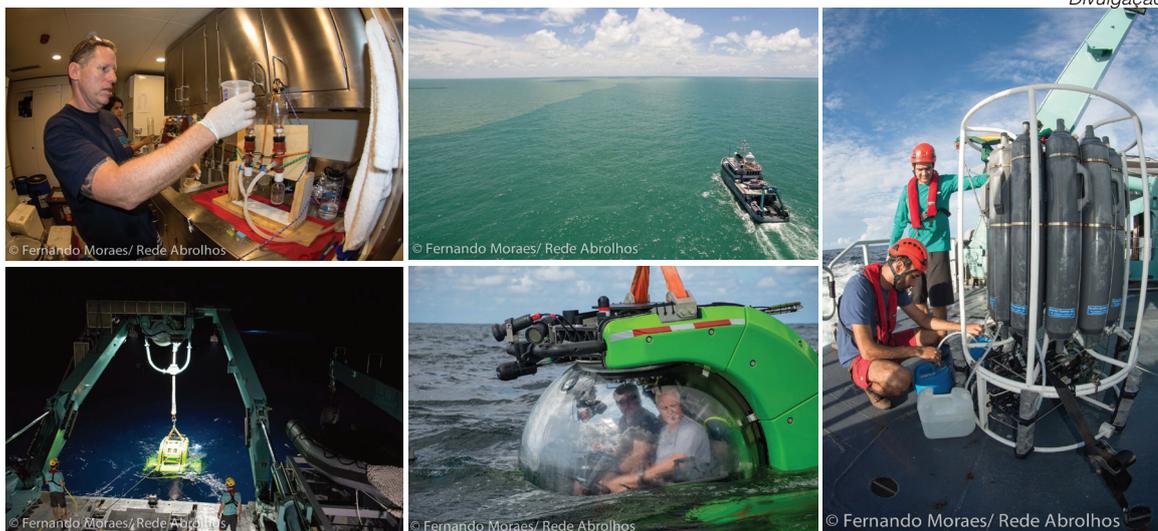
O quadro de sucateamento vem sendo enfrentado criticamente por setores organizados. “O governo fala de crise e falta de verbas, e usa isso para justificar reformas que tiram nossos direitos”, disse a servidora técnica-administrativa Ivanilda Reis, coordenadora geral do Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Universidade Rural (Sintur-RJ). Para a dirigente sindical,

o momento é de intensificar a resistência: “Toda nossa luta tem sido em defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade. Docentes, técnicos e estudantes têm se unido muito, e não há outro caminho”.

Integrante da coordenação geral do Diretório Central dos Estudantes (DCE), Maria Carolina Santos resume a insatisfação dos alunos: “Esses cortes buscam sucatear ainda mais as universidades. O sentimento é de muita revolta. Esperamos de uma universidade pública que ela garanta não só o ingresso dos estudantes, mas que tenha uma política eficaz de permanência e assistência”.

Já Marcelo Herbst, 1º vice-presidente da Associação de Docentes da UFRRJ (Adur-RJ), acredita que a crise também serve para debater saídas. “Vamos ter de discutir o financiamento da universidade. E continuar o que a gente vem fazendo: encontrar as melhores formas de resistir para não desaparecer.”

Para o reitor Ricardo Berbara, a ocasião exige “ampla mobilização política” da comunidade universitária. “E devem fazer parte dela as organizações estudantis, os sindicatos e as próprias instituições de ensino superior. A Universidade está muito atenta internamente. A Rural está preparada para enfrentar essa conjuntura”, concluiu. ■



Cooperação. Pesquisadores de seis instituições participam de expedição científica na foz do Rio Amazonas

“

Após cada mergulho, a expectativa era grande para ver o que as câmeras tinham registrado; nunca se sabia ao certo quais espécies seriam vistas lá embaixo

Professor Leonardo Neves (Instituto Três Rios/UFRRJ)

Os segredos dos corais na foz do Amazonas

Universidade Rural integra expedição científica na região

Michelle Carneiro

Ampliar o conhecimento acerca dos mais de 9 mil km² de área de recifes de corais na foz do Rio Amazonas é o principal objetivo do cruzeiro oceanográfico que ocorreu em julho, entre os estados do Amapá e do Maranhão. A UFRRJ participou da expedição que reuniu pesquisadores de outras cinco instituições brasileiras: UFRJ, Ufes, Unifesp, Inpe e JBRJ, em parceria com o *Woods Hole Oceanographic Institution*.

Os corais do Amazonas foram descritos por pesquisadores brasileiros, pela primeira vez, em 2016, numa publicação na revista *Science Advances*. A região onde o Amazonas se encontra com o Oceano Atlântico, na costa norte do Brasil, abriga um ecossistema marinho ainda pouco conhecido pelos pesquisadores. Com características muito particulares, os recifes são os únicos no mundo encontrados em águas com pouca luminosidade e na foz de um rio.

O professor Leonardo Neves, do Departamento de Ciências do Meio Ambiente da UFRRJ, no câmpus de Três Rios, destaca a importância da expedição: “Para se ter uma ideia das lacunas que

ainda existem, até o ano passado não se conhecia sequer a dimensão e as características básicas dos recifes da foz do Amazonas. Estamos falando de um gigantesco sistema recifal localizado em áreas relativamente rasas com menos de 100 metros de profundidade”.

Durante a expedição, os pesquisadores coletaram dados geofísicos, físico-químicos e biológicos, além de amostragens para caracterizar comunidades de peixes e de organismos que ocorrem próximo ao fundo, os chamados organismos bentônicos. Também foram coletadas rochas carbonáticas para subsidiar estudos sobre a história evolutiva dos recifes amazônicos, bem como amostragens da água do mar para estudos do plâncton e das características físico-químicas dessa região ímpar da costa brasileira.

Foram realizadas mais de 20 horas de observações a bordo de dois submersíveis, em profundidades de até 400 metros. Com a análise das fotos e dos vídeos gerados com o uso dos submersíveis será possível identificar as diferenças na composição de espécies ao longo dos corais de recifes, verificar em qual região foi encontrada a maior diversidade

de e quais são as características do habitat e da água que mais influenciam a distribuição e a abundância das espécies.

Os pesquisadores percorreram o local a bordo do navio *Alucia*, durante 15 dias, acompanhados por um oficial da Marinha do Brasil. As atividades foram complementadas por imagens de satélites recebidas no navio em tempo real. Os resultados irão fornecer um panorama detalhado sobre a estrutura dos recifes e das comunidades biológicas a eles associadas, inclusive com a caracterização de vales e cânions ainda não mapeados e com o imageamento das bioconstruções carbonáticas e das algas calcáreas da região.

Especialista em Ecologia Marinha e Biologia de Peixes e integrante da Rede Abrolhos, que se dedica ao estudo dos sistemas recifais brasileiros, o professor Leonardo Neves explica sua participação na expedição: “Meu papel foi amostrar as comunidades de peixes e de organismos que compõem os bentos, como corais, algas e esponjas. Após cada mergulho, a expectativa era grande para ver o que as câmeras tinham registrado; nunca se sabia ao certo quais espécies seriam vistas lá embaixo”.

Existe um interesse crescente na Margem Equatorial brasileira, tanto para a exploração de petróleo e mineração, quanto para a pesca artesanal e industrial. No entanto, o manejo dos recursos naturais na região ainda é incipiente, principalmente em função da carência de dados sobre a estrutura e o funcionamento dos ecossistemas. De acordo com o professor Leonardo Neves, a expedição tem o objetivo de cobrir algumas dessas lacunas.

“Os dados que estamos coletando e processando contribuem decisivamente no sentido de identificar quais são as áreas mais prioritárias para a conservação da biodiversidade, bem como identificar as áreas onde se poderão estabelecer atividades econômicas com menor impacto ambiental”, afirma.

São estas as instituições brasileiras participantes da expedição: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes); Universidade Federal de São Paulo (Unifesp); Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe); e Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ). ■

Divulgação



Troca de experiência. A equipe do laboratório de química na Reunião Anual da SBBq, em São Paulo

“

Oferecendo Iniciação Científica, tendo o aluno que fazer relatórios, apresentar seminários, lidar com resultados e programas estatísticos, já é muito prazeroso para nós, pesquisadores. É a formação do aluno sendo incluída na pesquisa

Cristiano Riger, professor de Bioquímica da UFRRJ

Iniciar é experimentar

A formação de alunos de Iniciação Científica dentro da Universidade Rural

Matheus Brito

Formar alunos críticos, com experiência em diversas áreas do conhecimento, envolver jovens no ramo da pesquisa e tecnologia e dar retorno à população. Esses são os desafios para os programas de pesquisas em Iniciação Científica espalhados pelo Brasil. É uma experiência que amadurece o indivíduo intelectualmente e não apenas agrega valor ao currículo profissional, mas traz novos horizontes para o próprio mercado de trabalho.

Na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, uma das pesquisas de Iniciação Científica busca determinar o potencial antioxidante de óleos essenciais extraídos de folhas de araçá, goiaba, jamelão, pitanga, grumixama e jambo. Quem a desenvolve é a estudante de Química Larissa Ramos, no Laboratório de Estresse Oxidativo em Microrganismos - Leom, no câmpus Seropédica. Ela e outros colegas do laboratório são orientados pelo professor de Bioquímica Cristiano Riger.

A estudante é bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Na UFRRJ, ao todo, cerca de 190 bolsas são oferecidas pela agência, e outras 110 são institucionais. A bolsa tem duração de doze meses e é a primeira experiência para quem pretende

seguir a carreira de professor ou pesquisador. No país, inúmeros projetos estão em andamento e mais de 30 mil bolsistas são contemplados apenas pelo CNPq.

Se a pesquisa realizada por Larissa Ramos apresentar um bom resultado, pode servir, futuramente, para o diagnóstico de câncer, doenças pulmonares, entre outras. Mas, por enquanto, o intuito é apenas determinar a capacidade antioxidante dos óleos. Por se tratar de uma pesquisa básica, os resultados não podem ser considerados conclusivos. “A gente não pode fechar os resultados enquanto não tivermos um padrão definido. É preciso ver o que ocorre dia após dia”, destacou a estudante.

Para o professor Riger, a importância da pesquisa básica é envolver os primeiros passos de uma investigação científica. São os primeiros ensaios para saber se aquele produto realmente

pode servir no futuro para ser utilizado pela população. “Até que um produto dessa pesquisa chegue ao mercado ainda vai demorar”, afirmou o orientador do projeto.

Expectativas e desafios

A oportunidade para trocar experiências com quem já trabalha na área da pesquisa surge em reuniões, seminários e congressos de pesquisadores. Diversos especialistas do país e do mundo atuam com os mesmos projetos, as mesmas técnicas, e provocam o interesse nos estudantes. Larissa, Cristiano e outras colegas de laboratório estiveram entre os dias 27 e 30 de julho na Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Bioquímica e Biologia Molecular, em Águas de Lindóia/SP. “Nesse evento, aparecem trabalhos interessantes. A gente sempre traz para o nosso laboratório alguma vertente nova, que podemos aplicar em ideias ou técnicas para um futuro projeto. A expectativa dos alunos acaba sendo maior que a minha, já que muitos não foram a nenhum outro congresso”, contou o professor.

O curso de Química e os laboratórios, assim como toda UFRRJ, também sofrem com os cor-

tes de verbas do governo federal. “A gente fica sem dinheiro para comprar o meio de cultura, que é o básico para nós trabalharmos”, revelou Larissa. Para o orientador, mesmo com todas as dificuldades, outro tipo de retorno é mais esperado: “Oferecendo Iniciação Científica, tendo o aluno que fazer relatórios, apresentar seminários, lidar com resultados e programas estatísticos, que normalmente não conheceria no seu curso de graduação, já é muito prazeroso para nós, pesquisadores. É a formação do aluno sendo incluída na pesquisa”, disse ele.

A facilidade em encontrar os materiais coletados, em abundância em todo o Brasil, permitiria que o investimento financeiro fosse baixo, e mais rapidamente seus benefícios para a população encontrados. No entanto, Larissa, que sempre quis fazer algo que causasse algum impacto para a sociedade, entende o significado desse primeiro passo: “É uma pequena contribuição que vai sendo desenvolvida ao longo dos anos. Já é a continuação por mim, e aí virão outras pessoas, e outras, até que uma pessoa feliz consiga trazer isso para nossa realidade”, conclui a estudante. ■

Agradecimento à Universidade

Reproduzimos, abaixo, trechos de uma carta escrita por Olívia Maria B. Nascimento, mãe do ex-aluno da UFRRJ Rafael de Brito. O texto nos foi repassado pelo professor João Bahia, do curso de Engenharia de Agrimensura e Cartográfica. “Dona Olívia me disse que não tinha palavras para agradecer o que a Universidade havia feito pelo seu filho. Aí, ela escreveu uma carta e disse que gostaria que esse agradecimento fosse publicado, mas que não sabia como fazer isso”, contou o professor Bahia.

Carta à Rural

É com grande emoção que te escrevo essas poucas linhas, minha querida Rural, para te dizer que, quando te vi pela primeira vez, senti que retornara ao lar de onde nunca deveria ter saído. Saudades de um tempo que não sei se existiu realmente; foi como um reencontro. Você, pronta a receber todo aquele que chega, de braços abertos para ensinar e educar para a vida. [...] você me faz tão bem, sentir esta brisa reconfortante, ver a natureza que me renova as energias, matar a saudade [...].

Parece que esta é a última vez que aqui estou. Queria sentir você, curtir este ambiente prazeroso um pouco mais. Mas, por conta das circunstâncias, não dá. Estou frustrada, pois queria mais [...]. Não prometo, mas tentarei fazer o possível para que um dia, em outra encarnação, possa merecer ser atendida. Aí irei estar como aluna, estudando num de seus cursos. Caminharei por suas ruas com meus livros e cadernos nos braços. Estarei feliz por viver uma nova história com você. Espero que não tenha mudado muito. Se mudar, mude para melhor. Sentirei seu abraço como todos ou quase todos que aí estão. Farei amigos inesquecíveis [...]. Você saberá dos meus pensamentos mais íntimos, pois ao caminhar em seu solo te contarei meus anseios, desejos e projetos, as minhas alegrias e tristezas, pois nem sempre tudo é alegria. Mas daremos juntas a volta por cima, e serei feliz por aí estar. Beijos de alguém que te ama.

Olívia Maria B. Nascimento, Araruama/RJ

Ex-aluno da UFRRJ ganha prêmio Celso Furtado

João Paulo Davi Constantino, egresso de Ciências Econômicas do Instituto Multidisciplinar (IM), foi o vencedor do XXVII Prêmio Economista Celso Furtado de Monografia, promovido pelo Conselho Regional de Economia (Corecon-RJ). A premiação foi entregue em 23 de agosto, no auditório do Conselho.

O trabalho de conclusão de curso, intitulado “Instituições e Desenvolvimento Econômico na África do Sul Pós-Apartheid: uma análise crítica ao discurso institucionalista mainstream”, foi orientado pelo professor Robson Dias da Silva, do Departamento de Ciências Econômicas (DPCE-IM). João Constantino defendeu sua monografia e obteve o grau de bacharel em Ciências Econômicas em julho de 2016.

Rural na África

O governo brasileiro enviou ao Senegal uma missão reunindo representantes da UFRRJ, do Ministério das Relações Exteriores, da Associação Brasileira de Cooperação (ABC) e da Associação dos Agricultores Biológicos do Rio de Janeiro (Abio). O objetivo é elaborar um projeto de cooperação técnica na área de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (Pais). O grupo visitou o país africano entre 14 e 18 de agosto.

O vice-reitor Luís Carlos Lima (Departamento de Ciências Econômicas) e o professor Antônio Carlos Abboud (Instituto de Agronomia) representaram a Universidade.

Bolsistas do Pibid

de Ciências Sociais são premiadas

As estudantes do curso de Ciências Sociais da Rural, Glaucilene Silve (Lene Gil) e Vanessa Machado, ganharam o prêmio de Melhor Trabalho no V Encontro Nacional sobre Ensino de Sociologia na Educação Básica (Eneseb 2017), realizado entre os dias 23 e 25 de julho na Universidade de Brasília (Unb). O subprojeto vencedor “Democracia, Racismo, Direitos Humanos e Cidadania: reflexões sobre a realidade vivida” faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), coordenado pelas professoras Aparecida Abranches e Beatriz Wey; e pela supervisora do Colégio Estadual Barão de Tefé, Patrícia Machado. (Por Rômulo Norback)

Professores da Rural lançam periódico

O professor Peter May – do Departamento de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (DDAS/ICHS/UFRRJ) – é o editor-chefe da Revista Ibero Americana de Economia Ecológica (Revibec), que acaba lançar o primeiro número. O professor Cicero Pimenteira, também do DDAS, é um dos colaboradores. O periódico pode ser acessado em <http://redibec.org/revista/revibec>

Primeira dissertação

A primeira defesa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO/UFRRJ) ocorreu em julho, no Instituto Multidisciplinar (IM), câmpus Nova Iguaçu. A pesquisa ‘A Problemativa Hidrológica em Nova Iguaçu/RJ vista a partir da Escola Pública por meio de Projetos de Trabalho no Ensino de Geografia’ foi realizada pela aluna Yasmin Ribeiro Molinari Mello. A banca foi composta pelos professores Clézio dos Santos (presidente), coordenador do PPGGEO; Monica Pinheiro Fernandes, do IM; e Renata Barrocas, da Universidade Metropolitana de Santos (Unimes).

Rural Semanal

Reitor: Ricardo Luiz Louro Berbara | **Vice-Reitor:** Luiz Carlos de Oliveira Lima | **Pró-Reitora de Assuntos Administrativos:** Amparo Villa Cupoillito | **Pró-Reitora de Assuntos Financeiros:** Norma Sueli Martins | **Pró-Reitor de Assuntos Estudantis:** Cesar Augusto Da Ros | **Pró-Reitor de Graduação:** Joecildo Francisco Rocha | **Pró-Reitor de Extensão:** Roberto Carlos Costa Lelis | **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação:** Alexandre Fortes | **Pró-Reitor de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional:** Roberto de Souza Rodrigues || **COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL | Coordenadora de Comunicação Social:** Alessandra de Carvalho | **Jornalistas:** Fernanda Barbosa, João Henrique Oliveira, Michelle Carneiro e Ricardo Portugal | **Estagiários:** Beatriz Rodrigues, Carla Juliana Santos, Cleyton Santana, Matheus Brito e Wyllyan Freitas | **Capa:** Alexandre Souza | **Projeto Gráfico:** Patrícia Perez | **Diagramação:** Alexandre Souza e Patrícia Perez | **Imagens:** Freepick e Freemages || **Redação:** BR 465, Km 47. UFRRJ, Pavilhão Central, sala 131. Seropédica, RJ. | CEP: 23897-000 | Tel: (21) 2682-2915 | E-mail: comunicacao@ufrrj.br | Portal: www.ufrrj.br | Impressão: Imprensa Universitária | Tiragem: 1.000

